



## ENSAIO PRA AÏNOUZ

### ENSAYO PARA AÏNOUZ

### ESSAY FOR AÏNUOUZ

Gabriel Regis Galo Borba<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente ensaio analisa o discurso das músicas “interlúdio 1” e “vila rica (com participação de Mateus Fazen Rock)”, do álbum Roteiro Pra Aïnouz, Vol. 2 do artista de hip hop brasileiro Don L. O objetivo do trabalho resume-se a um debate em torno da hipótese de que “vila rica” esboça através da musicalidade, as estruturas comuns e persistentes inerentes ao passado e à contemporaneidade brasileira. A metodologia empregada consistiu basicamente de revisão bibliográfica, entrevistas e artigos sobre o artista Don L e demais documentação histórica necessária para debater o tema. O pensamento do antropólogo Claude Lévi-Strauss, através de sua abordagem estruturalista, ocupou certa ênfase no conjunto das análises. As conclusões sugerem que Don L em suas letras, sob a ótica da antropologia estruturalista, permite descortinar as estruturas coloniais racistas que fazem parte dos pilares da sociedade brasileira contemporânea, pois sua lírica revela as estruturas comuns que fundam o Brasil e são pertencentes à contemporaneidade, marcadas pela violência, pelas desigualdades, pelo colonialismo e demais aspectos da manifestação do racismo.

**Palavras-chave:** Hip Hop; Estruturalismo; Quilombo de Campo Grande; Rap brasileiro; Colonialismo.

**Abstract:** This essay analyzes the discourse of the songs “interlúdio 1” and “vila rica (featuring Mateus Fazen Rock)”, from the album Roteiro Pra Aïnouz, Vol. 2 by Brazilian hip hop artist Don L. The objective of the work is summarized- there is a debate around the hypothesis that “vila rica” outlines, through musicality, the common

<sup>1</sup> Acadêmico do curso de Serviço Social da Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES, Montes Claros (MG), Brasil. Email - [gabriel.gallo32@gmail.com](mailto:gabriel.gallo32@gmail.com)

**Artigo submetido em: 07 de março de 2024.**

**Artigo aceito em: 10 de abril de 2024.**

**Artigo publicado em: 22 de abril de 2024.**



and persistent structures inherent to the Brazilian past and contemporary times. The methodology used consisted basically of a bibliographical review, interviews and articles about the artist Don L and other historical documentation necessary to discuss the topic. The thought of anthropologist Claude Lévi-Strauss, through his structuralist approach, occupied a certain emphasis in the set of analyses. The conclusions suggest that Don L in his lyrics, from the perspective of structuralist anthropology, allows us to uncover the racist colonial structures that are part of the pillars of contemporary Brazilian society, as his lyrics reveal the common structures that found Brazil and belong to contemporary times, marked by violence, inequalities, colonialism and other aspects of the manifestation of racism.

**Keywords:** Hip Hop; Structuralism; Campo Grande Quilombo; Brazilian Rap; Colonialism.

**Resumen:** Éste ensayo analiza el discurso de las canciones “interlúdio 1” y “vila rica (featuring Mateus Fazeno Rock)”, del álbum Roteiro Pra Aïnouz, Vol. 2 del artista brasileño de hip hop Don L. El objetivo del trabajo se resume- existe un debate en torno a la hipótesis de que “vila rica” perfila, a través de la musicalidad, las estructuras comunes y persistentes inherentes al pasado brasileño y a la época contemporánea. La metodología utilizada consistió básicamente en una revisión bibliográfica, entrevistas y artículos sobre el artista Don L y demás documentación histórica necesaria para discutir el tema. El pensamiento del antropólogo Claude Lévi-Strauss, a través de su enfoque estructuralista, ocupó cierto énfasis en el conjunto de análisis. Las conclusiones sugieren que Don L en sus letras, desde la perspectiva de la antropología estructuralista, permite descubrir las estructuras coloniales racistas que son parte de los pilares de la sociedad brasileña contemporánea, ya que sus letras revelan las estructuras comunes que fundaron Brasil y pertenecen a la sociedad contemporánea. tiempos marcados por la violencia, las desigualdades, el colonialismo y otros aspectos de la manifestación del racismo.

**Palabras-clave:** Hip Hop; Estructuralismo; Quilombo de Campo Grande; Rap brasileño; Colonialismo.

## Maldito bom malandro

Em uma matéria intitulada “Dindin para Don L” produzida para a revista Piauí em 2018, o jornalista Peu Araújo nos conta que Gabriel Linhares da Rocha - seu nome de batismo - nasceu em Brasília, mas aos 4 anos se mudou para Fortaleza, de onde carrega o sotaque, as gírias e as referências. Saiu de casa ainda adolescente, flertou com a ilegalidade e acabou por encontrar o rap. Com a parceria de Nego Gallo, formaram em 2005 o grupo Costa a Costa, com a participação de Berg Mendes e DJ Flip Jay e se projetaram no cenário musical brasileiro, em 2007 com a mixtape “Dinheiro, Sexo, Drogas e Violência de Costa a Costa”, sempre com seus holofotes muito concentrados no eixo cultural Rio-São Paulo, havendo semelhanças também no contexto do Hip Hop e da sua “cena nacional”. A magnitude e importância da mixtape do Costa a Costa foi repercutida também pelo antropólogo e pesquisador musical Hermano Vianna que exprime:

“Ceará. O ano é 2007. Agora. O grupo de hip hop Costa a Costa acaba de lançar sua mixtape, disponível em CD. É - não tenho nenhuma dúvida - um dos documentos mais contundentes, impressionantes e acachapantes sobre a realidade brasileira contemporânea (como se ler jornal não fosse suficiente...) É um Sobrevivendo no Inferno traduzido para o Século XXI - e é preciso constatar: o inferno piorou muito.” (VIANNA, 2007, n.p)

Caminhando na sua trilha para “vila rica”, em 2013 Don L se muda para São Paulo, lançando trabalhos solo, que são a mixtape Caro Vapor/Vida e Veneno de Don L (2013), os Álbuns Roteiros Pra Aïnouz Vol. 3 (2017) e Roteiro Pra Aïnouz Vol. 2 (2021) além de outros *singles* lançados ao entre as obras citadas. O presente trabalho busca se debruçar sobre as duas faixas iniciais do álbum Roteiro Pra Aïnouz Vol. 2, respectivamente “interlúdio 1”<sup>2</sup> e “vila rica part. Mateus Fazen Rock”<sup>3</sup>.

Como afirma o compositor Don L, em entrevista para Andreza Delgado no podcast “Lança a Braba”, o título do álbum Roteiro pra Aïnouz é uma homenagem ao cineasta cearense, descendente de pai argelino, Karim Aïnouz, como o mesmo explicita:

Roteiro para Aïnouz Vol. 2 é uma obra que apresenta a história de um território, de povos, de aspirações, de vontades, de lutas, de desejos, de camaradagens, de afetos, de laços, de dores e de sonhos do passado, presente e futuro, tal qual um roteiro de um filme em três atos, que retratam um passado colonial, à atualidade como continuidade, e a ruptura junto à um futuro revolucionário. (DELGADO, 2022, n.p)

Dessa maneira, “interlúdio 1” é colocada como um prólogo do roteiro, uma cena introdutória do álbum, por nos apresentar à obra utilizando-se dos significados da religiosidade cristã e se apropriando desses signos impressos no contexto da população negra na contemporaneidade através do protestantismo<sup>4</sup>, como uma introdução para a visualização imagética a partir da canção “vila rica”, uma sociedade cristã escravista cujo os quilombos, pequenas vilas formadas principalmente a partir da população negra escravizada que fugiam de seus cativeiros, pessoas indígenas e brancos que estavam à margem do sistema colonial escravista, estabelecem relações de antagonismo, enfrentamento, ou “entropia” com a ordem colonial.

Assim, procura-se captar, apreender e relacionar com outras bibliografias, os signos expressos e ocultos que são retratados na letra de “vila rica”, que apresentam um momento da história de um Brasil colonial e relacioná-los com a realidade do Brasil contemporâneo, como uma expressão herdada de uma sociedade desigual, fundada na violência escravocrata, fortemente dividida em classes sociais e marcada por uma gritante hierarquia social, como salienta Lévi-Strauss:

---

<sup>2</sup> DON L, Interlúdio. Roteiro pra Aïnouz. Vol. 2, 2021. Disponível em:  
<[https://www.youtube.com/watch?v=2S0nG\\_uMUrY](https://www.youtube.com/watch?v=2S0nG_uMUrY)>

<sup>3</sup> Don L, Vila Rica (part. Mateus Fazen Rock), Roteiro pra Aïnouz. Vol. 2, 2021, disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=jUYvqBCWncY>>

<sup>4</sup>“Projeções apontam que o Brasil caminha para uma maioria evangélica em poucos anos, e ela será sobretudo pentecostal, negra e pobre. Pesquisa de outubro feita pelo Datafolha mostra que 60% dos fiéis são pretos ou pardos.” (BALLOUSSIER, 2023)

“Nossas sociedades [...] do ponto de vista de sua estrutura, parecem-se com máquinas a vapor; utilizam para seu funcionamento diferenças de potencial, que se encontram realizadas por diferentes formas de hierarquia social, quer se chamem escravidão, servidão, ou que se trate de uma divisão em classes [...]. Tais sociedades conseguem promover um desequilíbrio em seu seio, que usam para produzir, ao mesmo tempo, muito mais ordem [...] e também muito mais desordem, muito mais entropia, sobre o plano das relações entre homens.” (CHARBONNIER, Georges, 1989, p. 30)

### **Caminha comigo na trilha pra vila rica.**

*“Na trilha pra vila rica/  
A tomar todo o ouro que eu preciso/  
Saquear engenhos no caminho/  
Matar os soldados do rei gringo/  
E nunca poupar um sertanista<sup>5</sup>/  
É disso que eu chamo cobrar o quinto<sup>6</sup>”*

Por se tratar de uma lírica poética, que não busca ter algum valor historiográfico, tomamos a liberdade poética de interpretação para considerar que o Eu lírico expresso por Don L, é alguém que se organizou no quilombo de Campo Grande, um grande contingenciamento de vilas, formando uma extensa organização quilombola entre 1735 e meados dos anos de 1760. Nesse sentido, Marcos Bertachi em uma matéria produzida para o jornal “Brasil de Fato” elucida que:

“O pesquisador Tarcísio José Martins, que estuda o período e os quilombos mineiros há décadas, indica não se tratar apenas de alguns núcleos quilombolas, mas que o “Quilombo Campo Grande” seria uma junção ou confederação de 27 núcleos e vilas existentes (nesse aspecto maior que Palmares), que possuíam articulações entre si, em um território que abrangeu do Sul/Sudoeste até o Triângulo Mineiro da capitania.” (BERTACHI, 2021)

À vista disso, o historiador Carlos Magno Guimarães, em seu artigo “Os quilombos do Século do Ouro (Minas Gerais - Século XVIII)” (1988, p. 11) afirma que “o princípio definidor do quilombo é o aspecto qualitativo que vai defini-lo em face ao escravismo, pelo seu caráter de negação deste sistema.” Nesse sentido, ainda de acordo com o historiador

---

<sup>5</sup> Um dos nomes dados aos bandeirantes ou homens que organizavam expedições contra os quilombos, também conhecidos como homem-do-mato, capitão-do-mato, sargento-mor-do-mato.

<sup>6</sup> O quinto era o imposto cobrado pela coroa, onde se dava a quinta parte, ou seja, 20% da produção em forma de imposto.

(GUIMARÃES, 1988, p. 12): “os mecanismos de reprodução dos quilombos vão da agricultura à mineração, do banditismo ao comércio, e da reprodução biológica ao roubo e aliciamento de outros escravos”. Valendo ressaltar que o autor afirma a necessidade de se tomar cuidado quanto a generalização face aos quilombos, pois cada vila tinha suas próprias características e formas organizativas consonantes e dissonantes.

*“Num bate de frente que o bonde tá bolado/  
Na mata fechada de tocaia/  
Uns caras de isca, as minas de carabina/  
O terror dos bandeirantes/  
Trombou com nossa cavalaria, chacina (plow)”*

Aqui o Eu lírico expressa os conflitos existentes entre os homens-do-mato e os aquilombados, como ainda ressaltava Carlos Magno ao se debruçar sobre documentação da Secção Colonial do Arquivo Público Mineiro:

Em 1760, ao atacarem um quilombo nas proximidades de Mariana, os homens-do-mato foram rechaçados por "uma grande porção de gentio que instantaneamente os rebateu com um grande número de flechas de que ficaram três capitães-do-mato feridos, e dois com duas flechas pelo pescoço em grande perigo de vida". (GUIMARÃES, 1988, p. 13).

*“Nós tivemos baixas incontáveis/  
Na real já foi uma revolução/  
Foi uma comunidade/  
Por cima de sangue derramado/  
Já fomos quilombos e cidades/  
Canudos e Palmares/  
Originais e originários”*

No documentário “Quilombo: Do Campo Grande ao Martins” dirigido por Flávio Frederico é exposto que o contingente populacional do quilombo de Campo Grande ou a Confederação Quilombola do Campo Grande do Rei Ambrósio (1726 - 1760) poderia ser de 9 a 15 mil habitantes. Seguindo esse exemplo, o Eu lírico cita Canudos e Palmares como outras

formas de sociabilidade que produzem resistência, gestando possibilidades embrionárias de novas resistências e vislumbre de outra sociabilidade.

*“Depois do massacre ergueram catedrais/  
Uma capela em cada povoado/  
Como se a questão fosse guerra ou paz!”*

Nesse trecho, o Eu lírico faz uma relação entre a religiosidade e a violência colonial, ao abordar a questão da construção de capelas nos povoados atacados. O pesquisador Tarcísio José Martins em matéria publicada para o blog MG Quilombo afirma:

geralmente tem, no “lugar”, uma capelinha ou uma cruz, sempre antigas. Esses marcos, segundo revelam os habitantes das regiões visitadas, foram colocados “ali” porque, “se alguém cavar mais de dois palmos, encontrará muitos ossos humanos”. Pensam, os habitantes desses lugares que, “ali” deve ser algum “cemitério indígena muito antigo”. Assim, colocaram esses marcos (capelas ou cruzes) para evitar que os locais voltassem a ser cavados (MARTINS, 2007, n.p).

*“Mas sempre foi guerra ou ser devorado/  
Devoto catequizado/  
Crucificar em nome do crucificado/  
Seu Deus é o tal metal, é o capital/  
É terra banhada a sangue escravizado!”*

Esse trecho nos permite refletir sobre a relação entre a religiosidade cristã e o processo de escravidão, assim, o professor Sérgio Sezino Douets Vasconcelos em seu artigo “Igreja católica e a escravidão no Brasil colônia: Uma abordagem cultural” assenta:

Não é possível separar a atuação missionária da Igreja, do seu papel na empresa colonial portuguesa. Igreja e Estado formavam uma unidade. Muitos escravos eram sumariamente, ao serem capturados, já batizados na África, ou imediatamente nos portos brasileiros antes de serem vendidos e levados para os engenhos de açúcar.[...]Outro dado em relação à atitude da Igreja católica frente à escravidão é o reconhecimento da legitimidade da escravidão e a própria prática dela por parte da Igreja. Várias Ordens religiosas possuíam escravos nos conventos e colégios. O tráfico de escravos foi também exercido por religiosos. (VASCONCELOS, 2013, p. 5).

*“Jesus nunca estaria do seu lado/*

*Não estaria do seu lado/  
Jesus não estaria do seu lado/  
Faria mais sentido estar comigo/  
Jesus não estaria do seu lado/  
Faria e faz comigo a justiça/”*

Ao tempo em que o Eu lírico de Don L expressa uma continuidade, de não ruptura da ordem e signos da colonialidade com o uso da expressão “faria e faz comigo a justiça”, ele também afirma para o colono, o senhor de escravos, na eloquência da corrida do ouro, que por mais que ele seja religioso, Jesus não estaria ao lado dele, pois “faria mais sentido estar comigo”. De acordo com o professor Waldir Augusti e padre Ticão em uma coluna escrita para a “Carta Capital”, eles corroboram:

Fazendo uma leitura sobre a essência do Cristianismo iremos confrontar com verdades inquestionáveis no que se refere, sobremaneira, à prática de uma vida simples: amar, esperar, partilhar, perdoar, acreditar (ter fé), ter compaixão, e ser humilde. Em relação ao acúmulo de riquezas materiais, Ele nos dizia: “Não ajuntem para vocês riquezas na terra, onde traça e ferrugem corroem e onde ladrões arrombam e roubam (...) Porque onde está o seu tesouro, aí também está o seu coração” (Mt, 6,19:21)” (AUGUSTI; MARCHIONI, 2020).

*“Caminha comigo na trilha pra vila rica/  
A tomar todo o ouro que eu preciso/  
Saquear engenhos no caminho/  
Matar os soldados do rei gringo/  
E nunca poupar um sertanista/  
É disso que eu chamo cobrar o quinto/  
Já foi uma revolução/  
Agora é vingança na ponta do cano do bandido/  
Eu chamo cobrar o quinto/  
E ainda virá uma revolução/  
Eu juro pela fé do seu Cristo/  
Um chumbo no peito que leva o crucifixo (plow! Aleluia!)”*

Segundo Guimarães, (2018), o banditismo pode ser concebido como uma das formas de reprodução em contraposição à escravatura. Para o autor, “ao ser gerado no âmbito da sociedade escravista, o quilombo cria mecanismos de sobrevivência, dos quais um se constitui na agressão direta a esta sociedade: o banditismo.” (GUIMARÃES, 1988, p. 38).

Novamente o Eu lírico faz uma referência à continuidade na contemporaneidade ao dizer “Agora é vingança na ponta do cano do bandido” e que “E ainda virá uma revolução/ Eu juro pela fé do seu Cristo” explana que as estruturas maculadas pela violência colonial intrínsecas à sociedade brasileira só podem ser superadas através de um processo revolucionário de ruptura, pois exercem uma função de continuidade, se traduzindo em estruturas comuns entre o colonial e o contemporâneo.

*“Faria mais sentido estar comigo/ Jesus não estaria do seu lado/  
Faria e faz comigo a justiça/ Jesus não estaria do seu lado/  
Brasil, Brasil, Brasil (toda canção, toda canção do meu amor)/  
Brasil, Brasil, Brasil (toda canção, toda canção do meu amor)/  
Brasil, Brasil (toda canção, toda canção do meu amor)/  
Toda canção do meu amor na alma/ Em direção ao sul/  
Eu tenho/ uma cavalaria inteira em minha retaguarda/  
Em direção ao sul/ Eu sei que é pouco, mas eu não vou sem levar alguns/  
Se é tudo pelo ouro eu vou levar algum/ Mas vim foi pra cobrar os furos/  
Eu taquei fogo numa carruagem/ Tomei a cruz do peito a céu aberto/  
E pus Jesus do lado certo/”*

Nos versos de Mateus Fazenda Rock, o Eu lírico se encontra em uma investida contra vila rica e aborda suas convicções, explanando nos versos “Eu sei que é pouco mas eu não vou sem levar alguns” pode ser interpretado como a libertação de cativos ou como o assassinato de senhores de escravos. No verso “ Se é tudo pelo ouro eu vou levar algum”, o historiador Carlo Magno, ressalta que “dos mecanismos de reprodução analisados, três se destacam por se constituírem em elos de ligação ou de inserção do quilombo na dinâmica da sociedade escravista: o banditismo, o comércio e a rede de informações” (GUIMARÃES, 1988, p. 38). Ou seja, o ouro, roubado ou garimpado clandestinamente, também era usado como forma de subsistência dos quilombos, como corrobora o autor: “O ouro extraído pelos



quilombolas foi utilizado, através do comércio também clandestino, para obtenção de produtos necessários mas não produzidos pelo quilombo, como gêneros alimentícios, armas, pólvora, chumbo etc” (GUIMARÃES, 1988, p. 24).

*“Toda canção do meu amor na estrada/ Em direção ao sul/  
Eu tenho uma cavalaria inteira em minha retaguarda/  
Em direção ao sul/E se o sangue da minha guarnição deixar o chão vermelho/  
Cidades crescerão em cima de mil cemitérios/  
Que renascerão em guerras até que se cobre o preço/  
Toda canção do meu amor na alma (Brasil)/ Na (Brasil)/  
Na estrada pra vila rica (Brasil)/ Ah (Brasil)/”*

Nos versos finais Mateus Fazen Rock ao anunciar os versos *“E se o sangue da minha guarnição deixar o chão vermelho, cidades crescerão em cima de mil cemitérios que renasceram em guerras até que se cobre o preço”*, prenuncia como a sociabilidade da ordem escravista deixará marcas na sociedade brasileira, que viverá um “estado de guerra” permanente durante sua contemporaneidade, como signos de uma estrutura demarcada pela racialização do ser, que são herdados de um passado escravocrata e se incorporam ao capitalismo brasileiro contemporâneo, resultando em desigualdades e violências<sup>7</sup>.

## Conclusão

Ao observar a história cantada por Don L e Mateus Fazen Rock, capturando os significados e os relacionando com a história documentada do Quilombo de Campo Grande, podemos descortinar as estruturas coloniais racistas que fazem parte dos pilares da “grande máquina a vapor” (LÉVI-STRAUSS, in. CHARBONNIER, 1989) que é a sociedade brasileira contemporânea. As formas de entropias provocadas pelo sistema colonial para com aqueles que se opõem ou não cabem, ou em outras palavras, estão marginalizados, apresentam-se ainda presentes na atual sociedade brasileira. De uma forma ou outra, as respostas dos que

---

<sup>7</sup>“Falar sobre desigualdade social no Brasil é, também, falar sobre desigualdade racial. Esta afirmação é fruto das pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE, que apontam que as pessoas pretas ou pardas são as que mais sofrem no país com a falta de oportunidades e a má distribuição de renda.” (EDUCA, IBGE. 2018)

buscam a sobrevivência dentro dessa grande máquina de moer gente, como afirmava Darcy Ribeiro, encontram na ilegalidade, no contrabando e no banditismo, alguma forma de reprodução da vida social. Por fim, parafraseando e correlacionando com uma canção de uma banda pernambucana da cidade de Recife chamada Chico Science & Nação Zumbi (1994):

*“Banditismo por pura maldade,  
banditismo por necessidade,  
banditismo por uma questão de classe!”*

## Referências

AUGUSTI, Waldir. MARCHIONI, Antonio Luiz. *Jesus esteve ao lado dos pobres, desvalidos e enxotados desde o seu nascimento*. Carta Capital, São Paulo, 05 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/jesus-esteve-ao-lado-dos-pobres-desvalidos-e-enxotados-desde-o-seu-nascimento/>> Acesso em: 03 fev. 2023.

ARAÚJO, Peu. *Dindim para Don L*, Revista Piauí, ed. 138, São Paulo, 2018. Disponível em: <[BALLOUSSIER, Ana Virgínia. LUIZ, Gustavo. \*Negros são maioria nas igrejas evangélicas, e desigualdade ajuda a explicar\*. Folha de São Paulo, São Paulo, 19 nov. 2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/11/negros-sao-maioria-nas-igrejas-evangelicas-e-desigualdade-ajuda-a-explicar.shtml>>. Acesso em: 03 fev. 2024.](https://piaui.folha.uol.com.br/materia/dindim-para-don-l/#:~:text=Gabriel%20Linhares%20da%20Rocha%20%E2%80%93%20seu,as%20g%C3%ADrias%20e%20as%20refer%C3%A2ncias>”. Acesso em: 03 fev. 2024.</a></p></div><div data-bbox=)

BERTACHI, Marcos. *Quilombo de Campo Grande: Uma história de resistência do MST*. Brasil de Fato, Belo Horizonte, 17 nov. 2021. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2021/11/17/opiniao-quilombo-campo-grande-uma-historia-de-resistencia-do-mst>>. Acesso em: 03 fev. 2024.

CHARBONNIER, Georges. *Arte, linguagem, etnologia: entrevistas com Claude Lévi-Strauss*. Campinas: Editora Papirus, 1989.

DELGADO, Andreza. *Don L*. Podcast Lança a Braba. #049. Youtube. São Paulo, 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Ce3dE2pC3Cs>> Acesso em: 3 fev. 2024.

FREDERICO, Flávio. *Quilombo: Do Campo Grande ao Martins*, São Paulo: Kinoscópio, 2007. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DdUDWC0OQg0>> Acesso em: 3 fev. 2024.

GUIMARÃES, Carlos Magno. *Os Quilombos do Século do Ouro (Minas Gerais - Século XVIII)*. Estudos Econômicos: Protesto Escravo II. V.18, nº Especial, pg. 7-43, 1988. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ee/article/view/157513>> Acesso em: 03 fev. 2024.

EDUCA, IBGE. *Desigualdades sociais por raça e cor no Brasil. IBGE, 2018*. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/21039-desigualdades-sociais-por-cor-ou-raca-no-brasil.html>>. Acesso em: 03 fev. 2024.

L, DON. interlúdio, *Roteiro pra Aïnouz Vol. 2*. São Paulo: Caro Vapor Vidas, 2021. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=2S0nG\\_uMUrY](https://www.youtube.com/watch?v=2S0nG_uMUrY)> Acesso em 03 de fev. 2024.

L, DON. *vila rica (part. Mateus Fazeno Rock)*, *Roteiro pra Aïnouz Vol. 2*. São Paulo: Caro Vapor Vidas, 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jUYvqBCWncY>>

MARTINS, Tarcísio José. *Quilombo do Campo Grande: Confederação quilombola, MG Quilombo*. 2007. Disponível em <<https://www.mgquilombo.com.br/artigos/reminiscencias-quilombolas/resumo-e-localizacoes/>>. Acesso em: 03 fev. 2024.

VASCONCELOS, Sérgio Sezino Douets. *Igreja católica e a escravidão no Brasil colônia: uma abordagem cultural*. In: XXVII Simpósio Nacional de História. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2013. Disponível em: <<https://snh2013.anpuh.org/resources/pe/anais/encontro5/04-rep-sociais/Artigo%20de%20Sergio%20Douets.pdf>> Acesso em: 03 fev. 2024.

VIANNA, Hermano. *Sobrevivendo (cada vez mais fundo) no inferno*. Overmundo, 2007. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/sobrevivendo-cada-vez-mais-fundo-no-inferno>>. Acesso em: 03 fev. 2024.

ZUMBI, Chico Science & Nação, *Monólogo ao Pé do Ouvido (Vinheta)/ Banditismo por uma Questão de Classe, Da Lama ao Caos*. Rio de Janeiro: Sony Music (Chaos), 1994. Disponível em: <[https://youtu.be/fz13\\_ZjDs2M?si=\\_5msfjGwkq41BKrS](https://youtu.be/fz13_ZjDs2M?si=_5msfjGwkq41BKrS)> Acesso em: 03 fev. 2023.